

CATEQUIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA JESUÍTA E DOS POVOS ORIGINÁRIOS

INTRODUÇÃO

Neste ensaio será examinado duas concepções sobre a catequização dos povos originários, vistas em duas obras literárias de natureza e temporalidade que diferem entre si, sendo elas: o Sermão do Espírito Santo, obra do período colonial de Padre Antônio Vieira, e A queda do céu: Palavra de um Xamã Yanomami, uma biografia contemporânea de Davi Kopenawa, organizada por Bruce Albert. A escolha da temática deve-se pelo interesse em compreender, analisar e comparar de que modo discursos coloniais e indígenas constroem interpretações divergentes sobre o encontro evangelizador e o choque de suas culturas, evidenciando as consequências históricas e sociais desse contato, que se alastra até a contemporaneidade.

Em uma primeira instância, será debatido no presente estudo como o processo de catequese, apresentado por Antônio Vieira como educativo, moral e orientado divinamente, tem influência direta nos relatos de Davi Kopenawa, se revelando uma prática que obtém grande influência nas relações de desigualdade nos dias atuais. Assim, de um lado, Vieira escreve a partir do lugar de um missionário do século XVII, que busca orientar os indígenas à salvação — a fé cristã. Já do outro, Kopenawa se impõe como alguém que denuncia e traz ênfase para a importância de não deixar sua cultura desaparecer por decorrência dos impactos negativos, como a desconsideração de saberes ancestrais, da presença missionária e europeia na história de povos indígenas.

Portanto, para desenvolver essa reflexão, a estrutura deste ensaio será percorrida em algumas partes. No corpus, será feito a ambientação do contexto histórico e dos autores das obras; seguido da análise comparativa das representações do catecismo e dos povos originários, com foco em sua espiritualidade e cultura, sob a luz dos teóricos: Cristina Pompa, Ronaldo Vainfas e Dominique Gallois. Além de utilizarmos o artigo “Experiências indígenas com a escrita: apropriação, impasses, desafios e possibilidades: educação intercultural e “A queda do Céu” de Karla Souza e Elias Nazareno, no qual contém uma entrevista com o próprio Davi Kopenawa. Por último, a conclusão retomará os principais argumentos e revelará os resultados do estudo.

CORPO DO ENSAIO

A chegada dos portugueses em 1500 ao território que futuramente se tornaria o Brasil, marca a inauguração de um projeto colonial que tem como pilares o controle territorial, a exploração econômica e a propagação da fé cristã. Como é observado pelo o historiador e professor brasileiro Ronaldo Vainfas (1995), o processo de catequização era tido pela Coroa como um meio indispensável para estabelecer relações sociais com os grupos nativos, isto é, levando-os ao trabalho colonial e incorporando-os à ordem cristã. Desse modo, a missão religiosa esteve desde o início ancorada à interesses políticos, impondo a presença portuguesa no litoral e no interior do país com interesses políticos e econômicos, estruturando a presença portuguesa no litoral e no interior.

Os mecanismos utilizados para a catequização, com a chegada da Companhia de Jesus, eram sistematizados progressivamente. Nesse período, os jesuítas instituíram práticas pedagógicas que envolviam rotinas de disciplina moral, ensino da doutrina e criação dos aldeamentos. Nos aldeamentos, o cotidiano dos povos indígenas era controlado por horários de oração, trabalho, instrução cristã e vigilância, criando uma nova noção de convivência em sociedade, para aqueles que ali já habitavam, em que religião e disciplina se constituíram como instrumentos de controle social (Vainfas, 1995), de modo forçado.

Desse modo, os missionários também buscaram modos de traduzir a doutrina cristã aos nativos. Para tal, eles recorreram a expressões e elementos de rituais indígenas, buscando criar mediação cultural. Contudo, essa capacidade de assimilação de suas cosmologias tinha limites. Dominique Gallois sob a luz do antropólogo Otávio Velho ressalta o risco analítico de subentender que todo elemento externo possa ser absorvido sem qualquer tipo de tensão, ao afirmar: “Já, Velho alerta para o perigo de “superestimar a capacidade de “domesticação” de todo elemento novo pelos sistemas cosmológicos nativos” (1999-2000: 329). E critica a facilidade com que os etnólogos tendem a expulsar “toda a diferença para uma fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’ a fim de criar uma uniformidade ‘interna’ artificial” (Gallois, p.64). Sua observação é indispensável para compreender que a catequização não operava com o intuito de transmissão cultural, mas sim como confronto cosmológico, produzindo rupturas aos sistemas indígenas.

Sob esse viés, o processo de catequização é compreendido como um campo dinâmico de disputa de poder, no qual missionários buscavam impor modos de viver e crer, que convergiam aqueles que já existiam em meio aos nativos. Em resposta a tais atos, os povos indígenas reagiram de diversos modos, sendo eles desde a negociação até à resistência explícita, criando um cenário complexo de reformulação e conflito cultural que perdura até a contemporaneidade. Portanto, para compreender esse quadro de imposições e resistência, faz-se pertinente destacar a atuação da Companhia de Jesus nesse processo, cuja formação marca de maneira pontual o modelo de evangelização imposto.

A companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Inácio Loyola e aprovada, posteriormente, em 1540 por Papa Paulo III. Essa instituição surgiu no contexto da Contrarreforma como uma ordem religiosa que devia obediência absoluta ao Papa, possuía uma formação intelectual rigorosa e atuava em missões de evangelização para que pudessem combater o discurso luterano e incentivar a propagação da fé católica. Dentro dessa instituição, destacou-se o Padre Antônio Vieira (1608-1697), um importante jesuíta, pregador

e escritor português. Apesar de ter nascido em Lisboa, se mudou para o Brasil aos 12 anos de idade. Famoso por seus discursos tidos como humanizadores, seus sermões expressam muito bem sua habilidade com a escrita e seu pensamento profundo sobre a religião católica.

Davi Kopenawa, xamã e líder político do povo Yanomami, nascido por volta de 1956 na aldeia Marakana, localizada numa região de difícil acesso no alto rio Toototobi (parte da floresta amazônica do Amazonas, Brasil). Sua infância foi marcada pelo contato com os não indígenas que resultou na trágica morte da grande parte de sua família devido a doenças trazidas por missionários. Líder da Hutukara Associação Yanomami, Kopenawa é uma figura central na defesa dos direitos indígenas, da Floresta Amazônica e da diversidade cultural, com reconhecimento que ultrapassa as fronteiras do Brasil. Além de seu ativismo, ele atua como autor, produtor cultural e palestrante. Em 2010, escreveu *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, em coautoria com o antropólogo francês Bruce Albert.

Se em Sermão do Espírito Santo temos uma visão jesuíta acerca da catequese, em *A queda do céu* contemplamos as vivências de um sujeito que era alvo delas. Comparar essas duas visões acerca dos mecanismos usados nos mostra que as divergências de interpretações não são superficiais, mas envolvem o físico, espiritual e identidade dos povos originários. O primeiro deles é a tradução de termos nas línguas utilizadas pelos nativos para simbologias cristãs, uma forma de dominação, como dito pela historiadora Cristina Pompa, fazendo menção a André Thevet (1516-1590) — frade franciscano, explorador, cosmógrafo e escritor francês:

André Thevet declara que 'estas criaturas dedicam grande reverência aos seus profetas, aos quais chamam de pajés ou caraibas, palavras que equivalem a semideuses' e intitula o cap. XXXVI 'Dos falsos profetas e magos desta terra, os quais se comunicam com os espíritos malignos'.
(Pompa, 2003, p.50)

Gallois (2012), uma antropóloga belga, identifica tal estratégia como uma tentativa de homogeneização “[...] facilidade com que os etnólogos tendem a expulsar “toda a diferença para uma fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’ a fim de criar uma uniformidade ‘interna’ artificial”.” (Gallois, 2012, p.64) comprovando que essa aproximação linguística é uma das mais utilizadas. “A escrita foi imposta ao xamã yanomami ainda na sua infância, através de um projeto de evangelização. [...] Os missionários aprendiam as línguas dos indígenas e inseriam a escrita e sua religião.” (Souza, Nazareno, 2020), afirmam Souza e Nazareno em seu artigo sobre a experiência indígena com a escrita. Durante o livro *A queda do céu*, Davi não somente aceita essas traduções como as ressignifica, as palavras para Deus, Satanás e Jesus se tornam *Teosi* — que se torna uma figura ambígua —, *Satanasi* e *Sesusi*: “Os missionários têm um livro a partir do qual espalham as palavras de Teosi. Costumavam dizer, olhando para ele, que Sesusi iria clarear nosso peito e lavar nosso pensamento.” (Kopenawa, 2016, p.278).

Outro ponto óbvio é a demonização de práticas como forma de inferiorização consideradas pagãs de religiões indígenas, estudos históricos já apontavam isso: “Pelo contrário, consideravam quase tudo diabólico nos ameríndios que habitavam o litoral, mormente a nudez, as lubricidades e o canibalismo — que a todos apavorava —, costumes fartamente demonizados pelos jesuítas.” (Vainfas, 1995, p.30). Antônia Vieira fortalece, indiretamente, essa narrativa quando, ao argumentar sobre a aceitabilidade do evangelho no

Brasil, diz “[...] mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram.” (Vieira, 1657, p.6); o uso da metáfora “estátuas de murta” para sugerir que os indígenas voltam à “bruteza antiga” quando não são constantemente supervisionados e doutrinados, demoniza a espiritualidade original, associando a barbaridade e irracionalidade.

O líder xamã, no livro demonstra o desconforto com essa constante cobrança e doutrinação que, mesmo tantos anos depois, continuava ser dissipada pelos missionários acerca da cultura e expressão religiosa dos Yanomamis:

Além disso, os brancos, apesar dos seus esforços, continuavam falando duro comigo: “Davi, você está em pecado, é ruim! Não use brejeira de tabaco! Não deseje mulheres casadas! Não beba o pó de yãkõana! Satanasi está enganando você! Temos pena de você, vai queimar na fogueira de Xupari!”.
(Kopenawa, 2016, p.280)

Essa constante tentativa de apagamento de crenças e resistência por lado dos povos originários era constantemente criticada por Padre Vieira, como no trecho que diz: “Primeiramente, pela qualidade da gente, porque a gente destas terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo.” (Vieira, 1657, p.4).

Desse modo, Antônio em Sermão do Espírito Santo, Antônio Vieira afirma: “[...] haviam de pregar a todas as nações e línguas bárbaras e incultas do mundo, entre as quais haviam de achar homens tão irracionais como os brutos, e tão insensíveis como os troncos, e tão duros e estúpidos como as pedras.” (Vieira, 1657, p.3). Tal visão, que diminui a cultura e espiritualidade de povos originários por não serem parecidas, ou consideradas relevantes aos brancos, é apontada como uma das principais justificativas do processo de catequização. Assim como Gallois discorre em sua pesquisa, na qual foi feita uma breve investigação junto aos Wajãpi, “É esse movimento autônomo de comparação e apropriação de noções cristãs que os evangélicos chamam de “tsunami espiritual”. Procedem por aproximação entre palavras, ou confrontam trechos bíblicos e fragmentos míticos, para então comparar o que os Wajãpi afirmam conhecer, ou concluem não saber.” (Gallois, 2012, p. 64).

O Padre ainda se torna ainda mais preciso quando traz a visão de que os indígenas só se tornaram verdadeiros homens após aceitarem a fé cristã e, para que eles fossem aceitos, seria necessário persistir de forma até mesmo violenta, como diz:

É uma pedra, como dizeis, esse índio rude? Pois, trabalhai e continuai com ele — que nada se faz sem trabalho e perseverança — aplicai o cinzel um dia e outro dia, dai uma martelada e outra martelada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um cristão, e pode ser que um santo. (Vieira, 1657, p.14)

Para ele, a única forma de que os povos se tornassem verdadeiramente civilizados seria caso adotassem os dogmas católicos, ignorando a vivência cultural, histórica, religiosa e social daqueles que, para os jesuítas, eram vistos como “brutos” e “irracionais”. Os povos originários deveriam se encaixar nos padrões europeus a todo custo e é essa luta contra os estereótipos e a busca pela valorização nativa que Kopenawa descreve em seu livro.

Portanto, faz-se pertinente apontar como a radicalidade desse processo em meio a colonização tem influência direta na reconfiguração identitária de povos originários. Omer Freixa, sob a visão dos ideais do psiquiatra francês Frantz Fanon, descreve o colonialismo e as práticas religiosas europeias como “um processo violento e que desumaniza o colonizado, negando-lhe seu passado, sua essência e seus valores” (Freixa, 2021). Portanto, entende-se que essa noção de superioridade e imposição criada pela religião cristã faz com que conhecimentos xamânicos sejam constantemente descredibilizados. Assim, valores externos que geram atos discriminatórios voltados a esse povo são constantemente impostos a eles, reforçando o apagamento da identidade yanomami. Davi Kopenawa, em seu relato, esclarece que em um momento de sua vida acreditou que a melhor escolha para viver em meio a sociedade seria apagando quem era, entretanto, se arrepende de tais pensamentos e assim aconselha:

Contudo, ainda me lembro de que outrora me esforcei para parecer com os brancos, em vão. [...] Mesmo embrulhado dentro de uma bela camisa, dentro de mim eu continuava sendo um habitante da floresta! Por isso costumo repetir aos rapazes de nossa casa: “Talvez vocês estejam pensando em virar brancos um dia? Mas isso é pura mentira! Não fiquem achando que basta se esconder nas roupas deles e exibir algumas de suas mercadorias para se tornar um deles! Acreditar nisso só vai confundir seus pensamentos. Vocês vão acabar preferindo a cachaça às palavras da floresta. Suas mentes vão se obscurecer e, no final, vocês vão morrer por isso!”. [...] Imitar as de Teosi e dos brancos não nos vale de nada. Elas só podem nos atormentar. É por isso que penso que devemos seguir os rastros de nossos antepassados, assim como os brancos seguem os dos deles.
(Kopenawa, 2016, p.289-290)

Por fim, torna-se oportuno citar que, inicialmente, a ideia de Bruce Albert, organizador do livro *A queda do céu*, era escrever sobre os Yanomami sob sua própria ótica. Entretanto, Davi Kopenawa afirma em uma entrevista para Souza e Nazareno em 2018 que procurou entrar em contato com o autor para expressar sua indignação e sugerir que ele seja o porta voz de sua própria comunidade:

[...] “Porque você entrou assim, é, sem permissão da comunidade, eu tava na outra aldeia, ele entrou na outra comunidade [...] tu não é Yanomami, tu não nasceu na terra Yanomami, não. Você nasceu na França, então você aprendeu a nossa língua, você conheceu a nossa língua yanomami ... você vai me ajudar aí” ... demorou pouco, ele ficou triste [...] e depois resolveu pensar, resolveu pensar e pra é ... ele falou: “Toma ... como você vai escrever?”. “Eu vou gravar com o gravador, compra gravador, aí traz aqui na comunidade, nós vamo senta só nós dois” ... Aí nós fizemo assim, aí eu fiquei preocupado: “Então quem vai contar histórico conhecimento do povo Yanomami sou eu, não é tu, você já fez, você conta a conhecimento da cidade capital ... do que você conhece. Quem conhece essa floresta, o conhecimento do povo Yanomami, sou eu”. (Entrevista com Davi Kopenawa acerca do livro *A queda do céu*, realizada em 17 de outubro de 2018)

Tal atitude, impositiva sobre a própria história, do líder político Yanomami enfatiza, portanto, a importância da presença de povos originários nos debates hodiernos sobre resistência e cultura.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste ensaio permitiu compreender que a catequização a partir da visão de um Padre Jesuíta e um Xamã Yanomami constitui uma discussão complexa, cujas implicações persistem no passado e no contemporâneo. Partindo do princípio que esse mecanismo serviu como forma de dominação cultural, mas também se vê como forma de resistência, foi possível demonstrar que, através de teóricos e análises dos contos, ferramentas como apropriação linguística, demonização de práticas nativas e apagamento de identidade sociocultural e religiosa funcionam como forma de inferiorização de povos originários.

Se, por um lado, a retórica do padre Antônio Vieira no século XVII exemplifica a visão missionária que via os indígenas como "brutos" a serem moldados, por outro, o testemunho do xamã Davi Kopenawa, séculos depois, expõe os impactos trágicos dessa tentativa de ressignificação por parte dos não indígenas.

Essa discussão abrange não somente o espaço acadêmico, mas se faz presente em âmbitos sociais, históricos, religiosos e culturais. Ao evidenciar a continuidade dos mecanismos coloniais na experiência de povos contemporâneos, este estudo contribui para desnaturalizar a história oficial e valorizar os saberes indígenas como formas legítimas de conhecimento. As discussões recentes em torno da valorização da luta dos povos originários reforça a urgência de revisitar processos históricos e julgamentos que perpetuam uma visão europeia desses povos.

BIBLIOGRAFIA

Davi Kopenawa | Enciclopédia de Antropologia. Disponível em:

<<https://ea.fflch.usp.br/autor/davi-kopenawa>>. Acesso em: 4 dez. 2025.

FREIXA, O. Frantz Fanon: um clássico para entender o colonialismo. Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-12-03/frantz-fanon-um-classico-para-entender-o-colonialismo.html>>. Acesso em: 4 dez. 2025.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Traduções e aproximações indígenas à mensagem cristã. Cadernos de Tradução, v. 2, n. 30, p. 63-82. 2012.

KOPENAWA, D. et al. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Sp: Companhia Das Letras, 2016.

KOPENAWA, Davi. Davi Kopenawa Yanomami: Entrevista sobre o processo de escrita do livro A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami [outubro, 2018a]. Entrevistadores: SOUZA, Karla Alessandra A.; NASCIMENTO, André Marques. Goiânia: Confort Hotel. 1h53m49s de gravação. Filmado por: NASCIMENTO, André Marques. Entrevista concedida à Universidade Federal de Goiás (UFG) -GO.

POMPA, Cristina. Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru: EDUSC, 2003.

Portal Jesuítas Brasil – Companhia de Jesus, conhecida como Ordem dos Jesuítas, foi fundada por Santo Inácio de Loyola e aprovada oficialmente pelo Papa Paulo III, em 27 de setembro de 1540. Disponível em: <<https://jesuitasbrasil.org.br>>. Acesso em: 4 dez. 2025.

REIS, Fernando Guimarães. Quasi apagadas cinzas: as muitas vidas do Padre Antônio Vieira, bisavô da diplomacia brasileira. Brasília: FUNAG, 2025. 624 p. (História diplomática).

SOUZA, Karla Alessandra Alves de; NAZARENO, Elias. Experiências indígenas com a escrita: apropriação, impasses, desafios e possibilidades: educação intercultural e “A queda do Céu”. Revista Articulando e Construindo Saberes, Goiânia, v. 5, e62341, p. 1-25, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/racs.v5.62341>. Acesso em: 4 dez. 2025.

VAINFAS, Ronaldo. A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Espírito Santo. [S. l.: s. n.], 1657.